



ÓLEO DE PALMA

O QUE
IMPORTA
SABER



ABRAPALMA

Associação Brasileira de Produtores de Óleo de Palma

Em nome da Associação Brasileira de Produtores de Óleo de Palma (Abrapalma), gostaria de dar as boas-vindas ao Estado do Pará para esta jornada de imersão em nossa cadeia produtiva.

Mais do que uma visita técnica, esta *press trip* foi estruturada para que vocês vejam de perto como a palma de óleo se tornou o motor de uma nova economia na Amazônia, que alia alta produtividade à recomposição de áreas degradadas e inclusão socioprodutiva da agricultura familiar.

Ao longo dos próximos dias, vocês serão convidados a conhecer desde o manejo sustentável no campo, até os avanços tecnológicos que promovem inovação industrial. Nossa intenção é apresentar, para além de tudo a calacidade de aproveitamento e a vasta gama de aplicação do óleo de palma, o potencial de contribuição da cultura para a transição energética e desenvolvimento da bioeconomia.

Sejam muito bem vindos e saibam que a equipe Abrapalma estará inteiramente à disposição para fornecer dados, relatar histórias e indicar conexões relevantes para que vocês possam verdadeiramente vivenciar a nossa realidade.

Desejo que aproveitem a estadia e que esta experiência seja tão rica em descobertas quanto a nossa fauna e flora o são.

Um forte abraço,

Victor Almeida
Presidente da Abrapalma

Quem somos

A Abrapalma (Associação Brasileira de Produtores de Óleo de Palma) foi fundada em **2012** para consolidar o país como modelo de produção sustentável. Para isso, lidera uma agenda propositiva de desenvolvimento, responsabilidade e inovação. A entidade reúne agroindústrias de diferentes portes, localizadas majoritariamente no Estado do Pará, mas também em Roraima.



A Abrapalma defende um modelo de produção sustentável do óleo de palma no Brasil, com segurança jurídica, acesso à tecnologia e adequação às normas que regem a produção agrícola nacional.

A associação reúne agroindústrias de diferentes portes, que respondem pela maior parte da produção, industrialização e comércio do óleo de palma no país, gerando mais de 20 mil empregos diretos e interagindo com milhares de famílias de pequenos e médios produtores.

Saiba mais em <https://abrapalma.org>.

Presidente da Abrapalma, Victor Almeida, é também presidente do Conselho de Administração da empresa Belém Bioenergia Brasil (BBB). Formado em Economia pela Universidade Federal da Bahia, com mestrado em Finanças pela Fundação Getulio Vargas (FGV), é sócio do Opportunity, onde atua desde 2014.



Sobre a palma de óleo

A palma de óleo (*Elaeis guineensis*), conhecida como dendzeiro, é uma das culturas agrícolas mais produtivas e versáteis do mundo. Originária da África, encontrou no clima tropical, especialmente na região amazônica, condições ideais para se desenvolver. Sua relevância econômica é impulsionada pela alta eficiência produtiva por hectare, superando soja e girassol.



A palma de óleo é uma cultura perene, com ciclo produtivo de até 30 anos. A partir do plantio, começa a produzir entre o terceiro e quarto anos, com estabilização por volta do sexto ano. A extração de seus óleos é exclusivamente mecânica, sem adição de solventes. Da polpa é extraído o **óleo de palma** e da amêndoa, o **óleo de palmiste**. O óleo de palma é **líder mundial entre óleos vegetais** e 72% da sua produção são aplicados em alimentação. O óleo de palmiste é aplicado na indústria química.

A partir do momento em que começa a produzir, a colheita ocorre quinzenalmente. A mesma área é percorrida a cada 15 dias e frutifica o ano inteiro, com uma concentração maior no segundo semestre. A espécie pode alcançar **25 toneladas por hectare/ano de cachos de frutos frescos (CFF)**.

O Brasil possui **283 mil hectares plantados**, com arranjos produtivos que incluem agroindústrias, produtores de grande, médio e pequeno portes, agricultores familiares e beneficiários da reforma agrária. As agroindústrias respondem por 90% e os outros grupos, juntos, por 10%. **O país produz 700 mil toneladas/ano e importa 300 mil toneladas.**



O palma brasileira possui ordenamento produtivo. **O Zoneamento Agroecológico (Decreto 7.172/2010) proíbe o desmatamento de vegetação nativa** e determina a recuperação de áreas degradadas. Além disso, a espécie possui sistema radicular robusto e constante cobertura foliar, o que contribui para melhorar a qualidade do solo, a ciclagem de nutrientes e a captura de carbono.

O Brasil teve expansão significativa nos anos 2010, impulsionado por uma política nacional de fomento que, embora bem-sucedida, foi descontinuada. **Nos últimos cinco anos, o setor tem enfrentado recorrentes isenções no imposto de importação.** Adotada em 2022 para mitigar o desabastecimento global pós-pandemia, a medida tem sido renovada anualmente. Em 2025, mesmo com o crescimento da produção brasileira, o governo manteve a cota de 150 mil toneladas com alíquota zero.

Além de valor econômico, a palma de óleo tem papel estratégico na agenda de sustentabilidade e descarbonização da economia. **A alta produtividade e o cultivo restrito a áreas degradadas coloca a palma brasileira como matéria-prima de excelência para a produção de biocombustíveis avançados**, como Diesel Verde (HVO) e Combustível Sustentável de Aviação (SAF).

Hoje, cerca de **10% da produção de óleo de palma é destinado ao biodiesel**, processado em duas plantas no Pará. A considerar que o mercado consumidor está, predominantemente, no eixo Sudeste, Sul e Centro-Oeste, mas que a produção fica no Norte, torna-se mais barato trazer óleo de palma da Indonésia, dados os custos envolvidos na logística interna.

As empresas brasileiras lideram programas que garantem compra e assistência a agricultores familiares, o que garante renda estável, evita o êxodo rural e desenvolve o entorno. O preço do fruto negociado pelo agricultor é um percentual (de 12% a 13%) do preço do óleo cotado na bolsa de Roterdã. Em termos econômicos, 1 hectare no pico de produção (25 ton/ha/ano) rende R\$ 20.000,00. **O tamanho médio das áreas da agricultura familiar é de 10ha.**

De acordo a Fundação Solidaridad, a expansão sustentável da cadeia pode dobrar a área plantada e beneficiar até 25 mil famílias em arranjos de pequena e média escala (10 a 300ha), em regime de consórcio, pois, além da palma de óleo, os agricultores familiares usam parte de suas áreas para cultivar espécies nativas, como açaí, cacau, graviola, cupuaçu etc.

Além disso, os produtores brasileiros de óleo de palma têm avançado na **economia circular**, com práticas para converter resíduos, como cachos vazios de frutas, e cascas do fruto e da amêndoa, em bioenergia e subprodutos valiosos. Tais iniciativas não apenas evitam desperdício, mas criam novas fontes de receita e contribuem para ciclos mais sustentáveis de produção.

Tanto as salvaguardas ambientais (zoneamento agroecológico, reaproveitamento integral de resíduos, bioeconomia, aptidão para a produção de biocombustível e alta produtividade), quanto as sociais (inclusão da agricultura familiar e grande geração de postos de trabalho), posicionam positivamente o óleo de palma brasileiro e fortalecem a liderança do Brasil na agenda de sustentabilidade.

Para garantir transparência, a governança da cadeia produtiva é fortalecida com iniciativas como a Guia de Trânsito Vegetal (GTV), documento eletrônico que **rastreia a produção**, e foi construído pelo poder público (Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará) em parceria com a Abrapalma, para controlar origem, combater ilegalidade e gerar dados consistentes.

Nesse contexto, a atuação da Abrapalma e de seus associados converge para modelos de cooperação estratégica, essenciais para o cumprimento das metas globais de desenvolvimento sustentável. As ações do setor são desdobradas em frentes integradas, que asseguram desde a integridade da cadeia produtiva, até a consolidação do Brasil como referência internacional em bioeconomia

O Setor em Números

Estudo conduzido pela consultoria Agroportal em 2025, a pedido da Abrapalma, identificou **40 municípios** produtores de palma de óleo no Nordeste do Estado do Pará, totalizando uma área total de 732.250,73 hectares, com efetivo **plantio em 283.083,91 hectares** (taxa de ocupação de 38,66%)

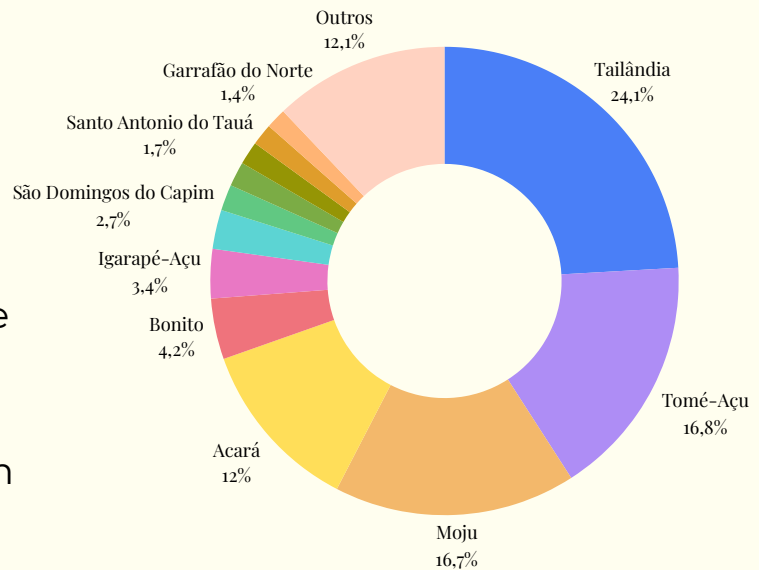
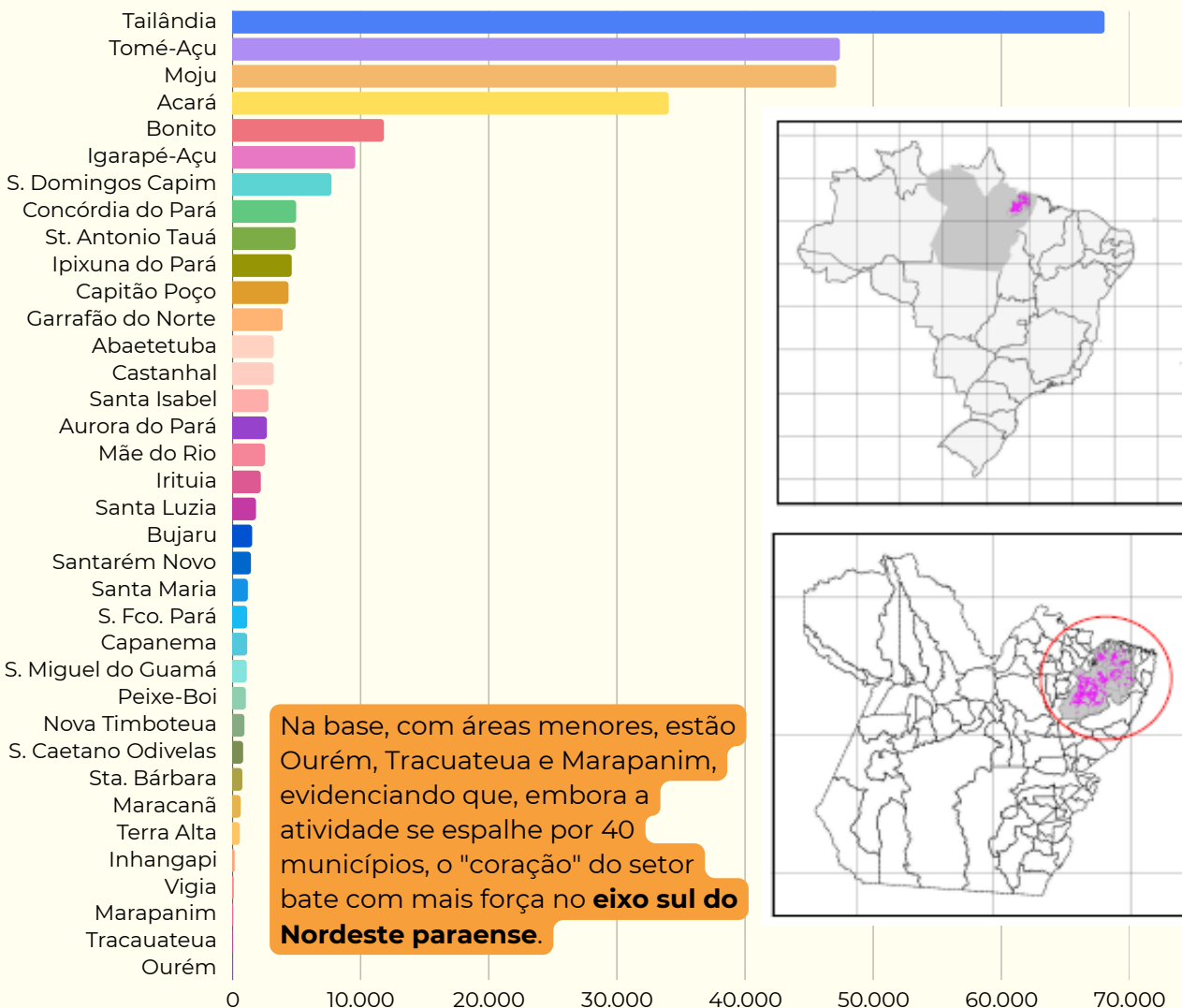


Figura 1: Participação dos municípios na área total, em %, ano 2025. Fonte: Abrapalma.



Na base, com áreas menores, estão Ourém, Tracuateua e Marapanim, evidenciando que, embora a atividade se espalhe por 40 municípios, o "coração" do setor bate com mais força no **eixo sul do Nordeste paraense.**

Figura 2: Participação por município, em hectares plantados, ano 2025. Fonte: Abrapalma.

O gráfico 2 traz o ranking de produtores. **Tailândia** lidera com **68.051,45 hectares**, seguida por **Tomé-Açu (47.398,99ha)** e **Moju (47.110,13ha)**. Acará tem 34.049,95ha e Bonito pouco mais de 11 mil hectares. Os dados revelam coeficiente de concentração de **73,61** em 12,59% dos municípios (5 de 40).

Apesar da concentração produtiva, em que quatro municípios respondem por 69,38% do volume total, **observa-se movimento de descentralização geográfica nos últimos anos**. A inclusão de 11 novos municípios (Aurora do Pará, Inhangapi, Marapanim, Ourém, Peixe-Boi, Santarém Novo, Tracuateua, Baião, Mocajuba, Cametá e Igarapé Miri), com 8.614,94ha de área plantada nos últimos 5 anos, reflete uma **difusão espacial controlada** e sinaliza certa interiorização do desenvolvimento econômico.

Cluster Principal e áreas periféricas

O "Coração da Palma Beasileira" (Tailândia, Tomé-Açu, Moju e Acará) não é apenas uma concentração geográfica, mas um **ecossistema industrial maduro**. A continuidade espacial permite ganhos de escala e a alta densidade de plantios reduz custos.

A expansão para novos municípios cumpre a função de **estabilidade sistêmica**. Embora com densidade baixa e moderada, a dispersão geográfica atua como salvaguarda fitossanitária, mitigando riscos de propagação de pragas.

O fruto (CFF) precisa ser processado em até 24 horas após a colheita para ter acidez ideal. **A organização em clusters garante que o plantio esteja no raio de alcance das usinas de extração e elimina perdas**. A proximidade campo - indústria permite que os resíduos (como cacho vazio e fibra) retornem rapidamente ao solo como adubo orgânico, ou sejam convertidos em biomassa para as caldeiras das usinas, fechando o ciclo da economia circular.

A formação de complexos agroindustriais atrai novos negócios (oficinas, vestuário, alimentação, serviços, tecnologia etc) e transforma cidades essencialmente extrativistas em polos tecnológicos do agronegócio.

O arranjo produtivo

Modelagem produtiva dos produtores

- Grandes (>400 ha): 4 municípios (11,1%) - 69,38% da produção
- Médios (100-400 ha): 2 municípios (5,6%) - 8,23% da produção
- Pequenos (<100 ha): **34 municípios (83,3%) - 22,39% da produção**

A categoria dos **grandes produtores (acima de 400ha)** representa a espinha dorsal do setor, e 4 municípios (Tailândia, Tomé-Açu, Moju e Acará) concentram esse arranjo, que responde por 69,38% da produção. São áreas com processamento e logística integrados.

Os produtores de **médio porte (100 a 400ha)** estão presentes em 2 municípios, representam 8,23% da produção total e atuam como elos que garantem apoio logístico e diversificação produtiva local.

No setor empresarial, o plantio alcança 188.555,91 hectares (74,7% da área). **As três maiores empresas (BBF, Agropalma e BBB), juntas, respondem por 78% da área empresarial** e cerca de 66% de todo o plantio de palma no Estado.

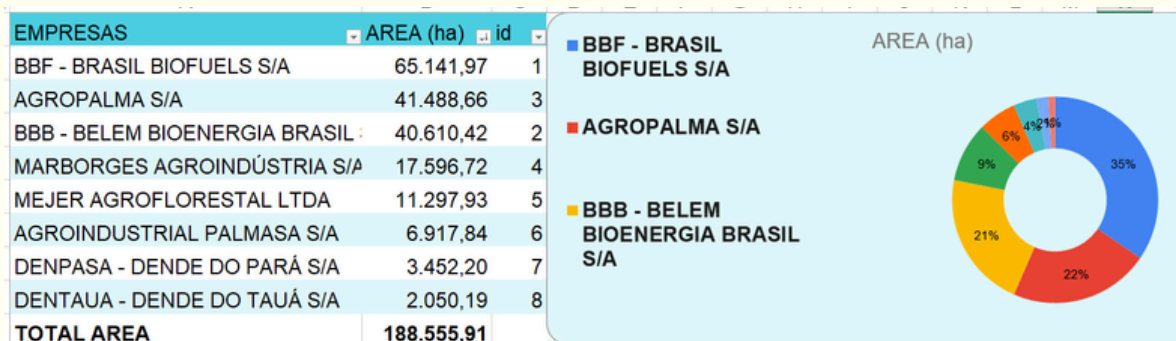


Figura 3: Participação por empresa, em hectares plantados, ano 2025.
Fonte: Abrapalma.

Embora os **pequenos produtores (abaixo de 100 ha)** contribuam com uma fatia menor do volume total, integram o grupo mais expressivo em termos de alcance social e geográfico. **Estão em 34 municípios (85% de 40) e entregam 22,39% da produção.**

Esta categoria é fundamental para a economia local e fortalece a agricultura familiar. **A presença em 34 cidades demonstra que a palma é uma alternativa de renda democrática**, permitindo que pequenos agricultores participem da cadeia produtiva, por meio de cooperativas e contratos de parceria com grandes empresas.

A agricultura familiar ocupa 39.099,08 hectares, o que corresponde 13,81% do total plantado (283.083,91ha), e se destaca pela amplitude territorial, presente em todos os 40 municípios produtores. Os imóveis da agricultura familiar somam 83.627,09 hectares, e a área média por imóvel é significativamente menor que nas empresas, confirmando o perfil de produção em bases familiares.

Os municípios com maior número de imóveis da agricultura familiar são **Moju (734), Tomé-Açu (318), São Domingos do Capim (293), Tailândia (214) e Acará (202).**

Embora com área plantada seja reduzida, a agricultura familiar desempenha papel social estratégico ao gerar ocupação e renda em propriedades de menor escala e contribuir para fortalecer comunidades em regiões com declarada aptidão agrícola.

A agricultura familiar é financiada pelo **Pronaf Bioeconomia** (14 anos de prazo, 6 anos carência e taxa 3,5% ao ano). A limitação dessa modelagem é atrelar o agricultor ao limite de R\$ 250 mil em crédito, suficiente para cultivar apenas 9/10 hectares. A defasagem entre o teto do crédito e a realidade da região evidencia a necessidade de atualizar políticas de fomento. Para atingir seu potencial de escala na Amazônia o financiamento precisa evoluir. Somente com uma estrutura de crédito compatível será possível elevar a capilaridade social do segmento a níveis mais robustos de desenvolvimento socioeconômico local.

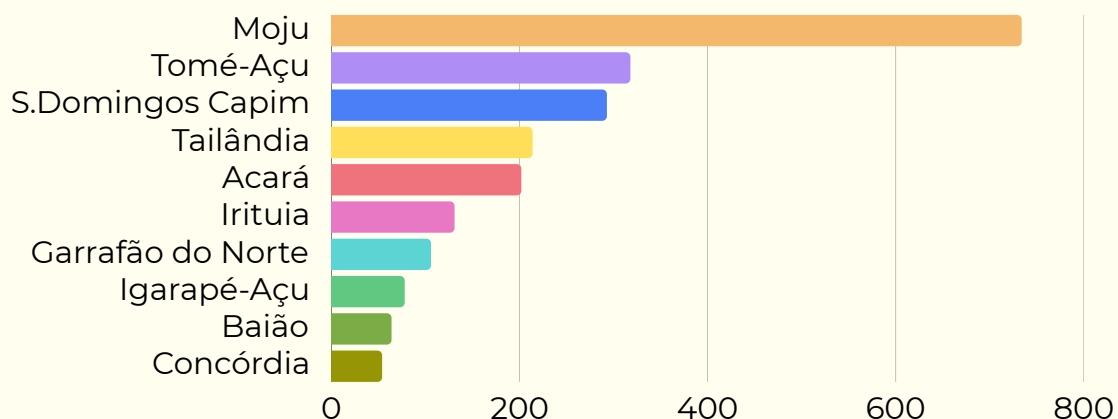


Figura 4: Ranking dos 10 municípios com presença agricultura familiar em número de imóveis, em 2025.
Fonte: Abrapalma.

Histórias de vida desta imersão

Maria José Santos

Idade: 43 anos

Município em que atua: Tailândia/PA

Área plantada com palma: 10 hectares (ampliando para 20ha)

Média anual de produção (2020-25): 137 toneladas

Espécies que cultiva além da palma: mandioca e açaí

Começou a trabalhar com o plantio de palma de óleo com o pai. Desde 2012, tem produção própria e, a partir de 2022, iniciou o processo de ampliação da área plantada, de 10 para 20 hectares. Criou três filhos, que hoje são adultos, com a renda obtida da palma de óleo.

Francisco Jaime Batista da Silva

Município em que atua: Tailândia/PA

Área plantada com palma: 20 hectares

Média anual de produção (2020-25): 400 toneladas

Espécies que cultiva além da palma: mandioca, açaí, pitaia e pimenta para consumo próprio

Há mais de 12 anos trocou pequenas plantações de milho e feijão pelo plantio de palma de óleo, que passou a garantir maior renda para a família.

Atualmente conta com a ajuda do filho e do genro para cuidar da plantação e diz estar satisfeito com a produtividade.

Leonel Oliveira de Souza

Idade: 54 anos

Município em que atua: Moju/PA

Área plantada com palma: 10 hectares, com expansão prevista para 2027 de mais 15 hectares

Média anual de produção (2025): 154 toneladas

Renda média mensal: R\$ 10.420,00

O Sr. Leonel Souza, produtor familiar da comunidade do Arauai, possui uma trajetória que se confunde com o próprio desenvolvimento da cultura da palma na região. Em 2002, aos 30 anos, ele decidiu mudar de rumo: deixou a atividade extrativista para apostar no plantio de palma.



O início foi marcado por sacrifícios e desconhecimento da cultura, somados aos desafios crônicos da agricultura familiar, como a precariedade das estradas, o acesso limitado a recursos e a ausência de tecnologia.

Ao longo de 24 anos de dedicação à terra, o Sr. Leonel construiu muito mais que uma lavoura produtiva; ele consolidou uma história de superação. Graças ao apoio técnico de uma grande empresa, e ao modelo de integração com a indústria, ele transformou sua realidade, elevando a renda familiar e garantindo o investimento na educação dos filhos.

Ao refletir sobre suas conquistas, ele se emociona com o contraste entre o passado e o presente:

“Hoje tenho uma casa muito boa, carro na garagem e posso escolher o que quero comer. É uma situação totalmente diferente de 30 anos atrás, quando em muitos dias não tínhamos nada à mesa.”

Hoje, o Sr. Leonel é reconhecido em sua comunidade como um símbolo de resiliência e visão de futuro. Sua jornada é o reflexo vivo do impacto transformador da cadeia produtiva do óleo de palma na Amazônia — um setor que vai além da economia, garantindo dignidade do trabalhador rural e criando um ciclo de prosperidade e diversificação produtiva agrícola.

Mais do que um produtor de sucesso, o Sr. Leonel é a prova de que, quando o esforço individual encontra a oportunidade, o campo floresce. Sua história não termina na colheita dos frutos, mas se perpetua no legado de uma vida digna e na certeza de que o futuro no interior da Amazônia pode, sim, ser sinônimo de desenvolvimento, fartura e orgulho.

A Rainha do Dendê: protagonismo feminino

“Nasci e me criei em Moju/Pará, na comunidade Arauaí. Venho de uma família de dez filhos e a gente sempre morou aqui. Sempre trabalhei na roça com meus pais e nunca tive outra vida. A gente trabalhava com milho, mandioca, arroz... tudo que dava na terra a gente plantava, e foi assim que me criei.

Nossa comunidade era muito distante de tudo. Hoje, você sai de carro de manhã e à tarde já tá de volta; só que antigamente a gente saía de casa no domingo e só retornava na quarta, e o único meio de transporte era o barco. O tempo foi passando, tive meus filhos, a Débora e o João Paulo, e conheci um projeto que mudou minha vida. Essa sou eu, Benedita Almeida do Nascimento, e essa é minha história.

Meus pais eram muito pobres, mas também muito honrados e corretos. Eu falo assim pobre, mas é pobre financeiramente. Ninguém tinha recurso ou luxo, e também não tinha o básico, como saúde e educação. O que aprendi foi com a minha mãe; ela foi minha primeira professora, como foi dos meus irmãos também. O que meus pais me deram de bom foi o gosto pelo trabalho e orientação para ser uma pessoa correta e séria. A pessoa que sou até hoje, com 61 anos, e que não tem nada do que se envergonhar. Minha mãe e meu pai coordenavam a comunidade Arauaí e eu achava a liderança deles algo muito bonito. Aí eu pensava que um dia, quando crescesse, queria ser igual a eles, e todas as oportunidades que apareceram na vida, fui abraçando.





Quando foi em 2002, surgiu a oportunidade de trabalhar com a palma de óleo, e eu não pensei duas vezes. Vi a oportunidade e falei: 'Por que não abraçar? A gente já fez tanta coisa, por que não fazer algo diferente?'. No começo foi difícil, porque as pessoas diziam que projeto de empresa não é para pequeno produtor; que a gente ia virar escravo e perder o que tinha. Mas eu pensava: 'A gente não tem nada!. Tudo que produzimos é para trocar com o regatão!' O regatão é um comerciante ambulante que leva produtos para trocar por arroz, milho e farinha. Então, tudo que tudo o que a gente produzia era para ser entregue ao regatão.

Quando veio a oportunidade de plantar dendê, e descobri que poderia ter conta em banco e administrar meu dinheiro, aquilo despertou uma curiosidade muito grande em mim. E eu, como sempre fui a mais 'saliente' de todas - eu me considero saliente -, comecei a conversar com o povo: 'Gente, bora fazer! Vamos acreditar!'

Muita gente dizia que não ia dar certo. Tinha professor em sala de aula dizendo que era melhor a gente fazer curso de aviação do que investir em coisa que não era para pobre. Mas, sabe, eu sempre tive um propósito na vida de ir além. O pessoal dizia que lugar de mulher era na cozinha, cuidando de menino, mas eu não aceitava isso. Uma vez, um professor me falou: 'Nunca me enganei com a senhora. Se a senhora não casasse eu sabia que a senhora poderia liderar uma rebelião'. Fiquei olhando para a cara dele, abismada!!!

Fui a uma reunião com o gerente da Agropalma, que explicou o projeto e a nossa participação. A gente ia ter contrato com garantia de mercado para o fruto, com a certeza que a empresa iria pagar. E foi aí que eu disse: 'Bom, vou entrar, vou participar, chega de mesmice! Se um dia eu quiser dar dignidade para meus filhos não vai ser fazendo o que faço!'. Porque todo ano tinha que desmatar e queimar para plantar... Era o tempo todo a mesma coisa, a floresta sendo destruída e eu com medo do futuro!

Minha comunidade formou o primeiro projeto de agricultura familiar voltado ao cultivo de palma de óleo no Brasil, uma experiência pioneira de integração entre pequenos produtores e a indústria do óleo de palma. Eu acreditei na mudança e trabalhei muito para dizer que hoje sou feliz e realizada. Hoje tenho dignidade, uma casa bonita e meus netos estudam em escola particular; dou para eles o que meus pais não puderam me dar por falta de oportunidade. Por esse motivo eu entrei no projeto, para mudar minha história e a história da minha comunidade, e isso não tem dinheiro que pague. É o legado que vou levar para o resto da minha vida. Minha única tristeza é que o projeto não chegou quando meus pais eram vivos, pois eles eram tão trabalhadores. . . ?

Comecei em 2002 com 10 hectares; depois fui expandindo. Em 2013, plantei mais 10; em 2019, plantei 49; em 2023, plantei 183 e, em 2024, 117 hectares. Hoje tenho 369 hectares de dendê plantado. Vou fazer 62 anos em julho. e há 25 anos vivo coisas que nunca podia imaginar. Hoje eu sou a Dona Benedita, hoje eu sou a Rainha do Dendê. Minha história já rodou o Brasil - São Paulo, Paraíba, Bahia, Espírito Santo - e já palestrei sobre agricultura familiar em muitos eventos, para muita gente."

A trajetória da Dona Benedita simboliza resistência e prosperidade no campo, pois comprova **que a agricultura familiar, quando abraçada com propósito, é capaz de romper ciclos de pobreza e reescrever destinos**. Entre a lida na terra e palestras, Dona Benedita segue colhendo o fruto mais valioso de sua jornada: a certeza de que seu legado de dignidade permanecerá enraizado na história da sua família e da sua comunidade por muitas gerações.



Vozes da palma

“Sou agricultor desde que me entendo por gente. Meu pai deixou esse legado para mim e meus irmãos, e foi cuidando da nossa terra que tiramos o que comer. Conseguimos ir além de só ter um prato de comida na mesa e mudar a realidade de vida dos nossos filhos”.

Manoel do Carmo.

“Você ter a sua casa e o seu trabalho digno é uma das maiores realizações que você pode ter nessa vida. Pelo meu nome, agora, consigo até linha de crédito em banco caso eu queira investir”.

Iracema Pinto.

“Você só não precisa ter medo de trabalhar. Quando comecei, trabalhava de domingo a domingo. Agora me dou folga aos finais de semana. Hoje, até contrato pessoas para trabalhar”.

Ângela Maria Santos.

“Já trabalhei com pecuária e com a soja. Quando vi os números da palma de óleo fiquei surpreso. Eu não sabia, mas agora já sei que o caminho para o desenvolvimento da região passa pela cultura da palma”.

Jabrain Ferreira.

“Acabei de formar minha filha caçula com ajuda do dendê e com os outros cinco filhos não foi diferente. Hoje, todo mundo que planta dendê tem seu carro. Então a vida melhorou”.

Manoel do Carmo.

“Tenho três hectares onde cultivamos açaí, cupuaçu, mandioca e outras espécies, mas focadas para nosso sustento. O nosso trabalho mesmo é com a palma de óleo, que a gente vende todos os frutos”.

Iracema Pinto.

“Tenho minha casa própria, meus filhos estão construindo as casas deles. O meu caçula está terminando o Ensino Médio, vai tirar Carteira de Habilitação para comprar uma moto e ir para a faculdade”.

Iracema Pinto.

“Além do cultivo da terra, finalizei o curso de panificação e já consigo ter uma renda extra para ajudar ainda mais minha família.

Enquanto o dendê é cultivado no quintal de casa, eu vendo meus produtos aqui na vizinhança”.

Maria do Socorro Silva.

“Eu trabalhava em plantação de pimenta do reino de outra família, ganhava um salário mínimo e meio por mês. Não esperava nada do futuro. Agora, trabalho no que é meu”.

Carivaldo Barbosa.

Roteiro da press trip

DIA 12 DE MAIO DE 2026 (TERÇA-FEIRA)

HORA	ATIVIDADE	OBJETIVO
8h	Café da manhã no hotel, seguido de deslocamento ao Iterpa	Boas vindas e apresentações
10h as 11h30	Reunião com Bruno Kono, presidente do Iterpa (Instituto de Terras do Pará)	Questões fundiárias
12h as 13h	Almoço no shopping Bosque Grão Pará	Experiência gastronômica
13h30	Deslocamento Belém - Santo Antônio do Tauá	
14h30	Visita à empresa Eco Tauá, com lanche ao final	Imersão na indústria
16h às 20h	Deslocamento Santo Antônio do Tauá - Tailândia, e jantar no Hotel	

DIA 13 DE MAIO DE 2026 (QUARTA-FEIRA)

HORA	ATIVIDADE	OBJETIVO
7h30	Café da manhã no hotel	
8h30 as 9h30	Visita à empresa BBB	Imersão na agroindústria
9h30 as 12h30	Visita a agricultores familiares	Imersão no campo
12h30	Almoço na BBB	Alimentação e descanso
14h as 17h	Visita a agricultores familiares	Imersão no campo
17h	Deslocamento Tailândia - Belém, com noite livre	

SOS

- Transporte
 - Todo o transporte (transfer e viagem) será feito pela empresa Alucar;
 - Veículo: Van Master, placa SZX1G88;
 - Capacidade: 15 pessoas;
 - Motorista: Honorino Silva Amaro, 91 98373-1063.



Horários de voos

Passageiro	Trecho	Data	Saida	Chegada	Cia	Localizador
Camila Souza Ramos	Gru/Bel	11/mai	09:40	13:20	Latam	LA9572664JLLZ
	Bel/Gru	14/mai	17:15	20:55	Latam	LA9572664JLLZ
Rafael Martins Gregorio	Gru/Bel	11/mai	19:30	23:10	Latam	LA9571675UPSO
	Bel/Gru	14/mai	11:50	15:30	Latam	LA9571675UPSO
Ricardo Gandour	Gru/Bel	09/mai	09:40	13:20	Latam	LA9575483LUQV
	Bel/Gru	14/mai	17:15	15:30	Latam	LA9575483LUQV
Luciana Constantino	Gru/Bel	09/mai	09:40	13:20	Latam	LA9575483LUQV
	Bel/Gru	14/mai	17:15	15:30	Latam	LA9575483LUQV

- Hospedagem
 - Em Belém: Hotel Bristol Umarizal (travessa Dom Pedro I, 1104). Contato: 91 3349-6326, bristol@bristolhoteis.com.br;
 - Em Tailândia: Hotel Ozaki,s (avenida Belém, 107). Contato: 91 99263-2804, reservas@ozakishotel.com.br.
- Clima e vestuário
 - Para a viagem de campo recomenda-se camisa com mangas compridas, uso de filtro solar, repelente e sapato fechado (preferencialmente bota).
- Contatos de Emergência
 - Iêda Fernandes - 91 99100-2669
 - Luciana Constantino - 11 97674-0912
 - Ricardo Gandour - 11 98931-4067

Fontes dos dados dos estudos da Abrapalma

AGROPORTAL AGRONEGÓCIOS LTDA. **Estudo técnico de sensoriamento remoto e geoprocessamento:** análise da cultura do dendê em 36 municípios do Estado do Pará. Responsáveis técnicos: Cleber de Souza Oliveira e Fabio de Lima Marques. Belém (ou cidade da sede), 2025. 1 base de dados. Orgs: SEMAS-PA, IBGE, EMBRAPA, Agroportal/Abrapalma.

AGROPORTAL; ABRAPALMA. **Base de dados de empresas e usinas de dendê** (2021). [S. l.], 2021.

CÔRTEZ, Julia; WIECZOREK, Arthur; LIMA, Paulo; DUTRA, Leonardo. Estudo da cadeia da palma de óleo no estado do Pará. Solidaridad; ABRAPALMA. [S.l.], 2024.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Dados sobre a cultura do dendê no Pará.** [S. l.]: Embrapa, 2025.

GOOGLE EARTH. **Imagens de satélite do Estado do Pará** (2024-2025). Versão Pro. Mountain View, CA, 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Bases cartográficas malha municipal:** Pará. Rio de Janeiro, 2024/2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html>. Acesso em: 15.11.2025.

PARÁ. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SEMAS). **Sistema de Cadastro Ambiental Rural** (SICAR/PA).

Notas Cartográficas e Instrumentais:

- Softwares: QGIS (v. 3.x), Google Sheets e Google Earth Pro.
- Parâmetros Geodésicos:
 - Datum: SIRGAS 2000 (Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas).
 - Sistema de Coordenadas: Geográficas (Lat/Long).
 - Escala de Análise: 1:700.000.
- Responsabilidade Técnica: Cleber de Souza Oliveira (Eng. Agrônomo) e Fabio de Lima Marques (Tecgo. Geoprocessamento).





ABRAPALMA

Associação Brasileira de Produtores de Óleo de Palma

www.abrapalma.org.br